

MARY SIMSES

O IRRESISTÍVEL  
— café de —  
CUPCAKES

Tradução  
SONIA MANSKI

PA  
PA  
IB  
IB

Copyright © 2013 by Mary Simses

Edição publicada em acordo com Little, Brown, and Company, New York, New York, USA.

A Editora Paralela é uma divisão da Editora Schwarcz S.A.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

TÍTULO ORIGINAL The Irresistible Blueberry Bakeshop & Café

CAPA estúdio insólito

FOTO DE CAPA Corbis (RF)/ Latinstock

PREPARAÇÃO Tato Carbonaro

REVISÃO Larissa Lino Barbosa e Renato Potenza Rodrigues

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Simses, Mary

O irresistível café de cupcakes / Mary Simses ; tradução  
Sonia Manski. — 1ª ed. — São Paulo : Paralela, 2014.

Título original: The Irresistible Blueberry Bakeshop  
& Café.

ISBN 978-85-65530-61-3

1. Ficção norte-americana. I. Título.

14-02298

CDD-813

---

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813

[2014]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.editoraparela.com.br

atendimentoaoleitor@editoraparela.com.br

# Uma recepção fria

“Não se mexa, é perigoso!”

Ouvi alguém gritar, mas já era tarde. As tábuas de madeira do píer cederam debaixo dos meus pés e não resistiram. Pranchas trincaram, ripas podres se romperam, e eu afundei três metros nas águas geladas do mar do Maine.

Talvez, por uma fração de segundo, eu tenha visto o homem correndo para o cais, gritando para eu parar. Se eu tivesse me virado vinte graus à direita, teria reparado nele correndo pela praia em direção ao píer, fazendo sinal com os braços. Mas eu estava com os olhos colados no visor da minha câmera Nikon, dando um zoom em um objeto do outro lado da água — a estátua de uma mulher com vestido franzido, carregando o que parecia ser um balde de uvas.

Enquanto eu lutava para chegar à superfície, agitando mãos e pés, com o coração batendo acelerado no peito, os dentes batendo de frio, sabia que estava me movendo, e movendo rápido. Uma corrente forte estava me puxando e me arrastando para longe do cais. Cheguei à superfície tossindo, com o mar ao redor agitado, cheio de espuma e areia. E eu continuava me movendo, me afastando do ancoradouro e da praia, as ondas batendo em mim, a água salgada entrando pela boca e pelo nariz. Meus braços e pernas começaram a ficar adormecidos, e eu não conseguia parar de tremer. Como o mar podia ser tão gelado no final de junho?

Tentei nadar contra a corrente, dando meu melhor no nado crawl australiano, batendo as pernas com toda a força possível e empurrando a água até me doerem os membros. Estava indo para o alto-mar, a correnteza ainda se movendo rapidamente.

Você costumava ser uma boa nadadora quando estudava em Exeter, tentei me lembrar. Você consegue nadar até a costa. Minha voz interior tentava se mostrar confiante, mas não estava dando muito certo. O pânico se alastrou até as extremidades dos meus dedos das mãos e dos pés. Alguma coisa tinha acontecido em todos esses anos. Havia passado tempo demais sentada em uma escrivaninha, lidando com pareceres jurídicos e aquisições, e tempo de menos na prática do nado borboleta.

De repente, a corrente que tinha me levado parou de se mover. Estava no meio de um monte de água negra e espuma branca. À minha frente, o oceano aberto, escuro e infinito. Me virei e por um instante não consegui ver nada além de um monte de água. Me levantei acima da crista de uma onda e enxerguei o cais e a praia, bem longe e minúsculos. Comecei a nadar de novo, em direção à costa — respirando, dando braçadas, respirando, dando braçadas. Estava difícil continuar e minhas pernas pesavam muito. Não queriam mais bater. Estavam cansadas demais.

Parei e tentei manter a cabeça acima do nível da água, os braços tão exaustos a ponto de eu querer chorar. Senti o queixo ardendo e, quando pus a mão no rosto, havia sangue no meu dedo. Alguma coisa me cortou, provavelmente durante a queda.

A queda. Mal sabia como tinha acontecido. Só queria ver a cidade a partir da água, do jeito que minha avó deve ter visto quando morava aqui nos anos 1940. Tinha atravessado a praia, aberto um portão e entrado no píer. Algumas tábuas estavam faltando e alguns corrimões tinham sumido, mas tudo parecia bem até eu pisar em uma tábua macia demais. Quase me senti em queda livre de novo.

Uma onda bateu no meu rosto e engoli um punhado de água. A Nikon se enroscou e se chocou contra mim, e eu me dei conta de que ela ainda estava pendurada no meu pescoço, feito uma pedra me arrastando para baixo. A máquina nunca mais funcionaria. Eu tinha certeza. Com a mão tremendo, tirei a alça da câmera por cima da minha cabeça.

A recordação do meu último aniversário veio como um flash na minha mente — jantar no May Fair em Londres, meu noivo Hayden me entregando uma caixa embrulhada em papel prateado e um cartão que dizia: “Feliz 35<sup>ª</sup>, Ellen — Espero que faça jus ao seu talento extraordinário”. Dentro da caixa, estava a Nikon.

Abri a mão e deixei a alça escorregar pelos dedos. Observei a câmera deslizar para dentro da escuridão e imaginá-la no fundo do oceano me partiu o coração.

Foi quando comecei a pensar que não ia conseguir voltar. Que estava com muito frio e muito cansada. Fechei os olhos e deixei a escuridão me envolver. Escutei o sussurro do mar ao meu redor. Pensei na minha mãe e em como seria terrível não a encontrar nunca mais. Como ela iria lidar com duas mortes em menos de uma semana — primeiro minha avó e depois eu?

Pensei em Hayden e em como tinha garantido a ele, antes de sair de manhã, que ficaria em Beacon por apenas uma noite, duas, no máximo. E em como ele tinha me pedido para esperar uma semana para poder vir comigo. Eu tinha dito que não, que ia ser uma viagem curta. Nada de mais. *Hoje é terça*, eu tinha dito. *Estarei de volta a Manhattan amanhã*. E agora, apenas três meses antes do nosso casamento, ele descobriria que eu não voltaria mais.

Me soltei, deixando a água me levar, e experimentei uma sensação de calma, de muita paz. Uma imagem da minha avó em seu jardim de rosas, segurando uma tesoura de poda, passou pela minha mente. Ela estava sorrindo para mim.

Assustada, abri os olhos. Do outro lado do monte de água escura, avistei o píer, e havia alguma coisa — não, alguém — na extremidade. Vi um homem pulando na água. Voltou à tona e começou a nadar rápido na minha direção. Podia ver os braços dele atravessando as ondas.

Está vindo me salvar, pensei. Graças a Deus, está vindo me salvar. Outra pessoa está aqui e está vindo me ajudar. Comecei a sentir um calor dentro do peito. Obriguei minhas pernas a baterem um pouco mais forte e meus músculos voltaram à vida. Pus o braço para fora, tentando fazer um sinal para que ele me visse.

Observei-o se aproximar, mal conseguindo respirar de tão forte

que meus dentes batiam. Acho que nunca tinha visto um nadador tão poderoso. Tratava as ondas como se fossem algo sem importância. Finalmente, chegou perto o suficiente para que eu pudesse ouvi-lo. “Aguento firme”, ele gritou, respirando com dificuldade, faces coradas, cabelo escuro todo puxado para trás pela água do mar. Quando me alcançou, minhas pernas tinham desistido e eu estava boiando de costas.

“Vou te pegar”, ele disse. Tomou fôlego algumas vezes. “Faça como eu digo e não se pendure em mim ou nós dois vamos afundar.”

Sabia muito bem que não podia me apoiar nele, embora nunca tivesse percebido como era fácil uma pessoa se afogando cometer esse erro. Fiz um gesto para ele saber que eu tinha entendido, e nós nos encaramos, mantendo a cabeça para fora da água. Olhei para ele e tudo o que eu podia ver eram seus olhos. Tinha olhos superazuis – azul-claro, quase da cor de gelo azul, como águas-marinhas.

E de repente, apesar de toda a exaustão, a vergonha me dominou. Nunca fui boa de aceitar ajuda das pessoas e, por causa de uma regra estranha de proporção inversa, quanto mais extrema a situação, mais constrangida eu me sentia de aceitar ajuda. Minha mãe diria que era por causa da nossa velha linhagem Yankee. Hayden diria que era orgulho bobo.

Tudo o que eu sabia naquele momento era que estava me sentindo uma idiota. Uma donzela em perigo caiu de um píer, foi arrastada pela corrente, incapaz de voltar para a costa, incapaz de tomar conta de si mesma.

“Eu consigo... voltar nadando”, murmurei, os lábios tremendo e uma onda batendo no meu rosto. “Nado do seu lado”, continuei, as pernas feito blocos de concreto.

O homem negou com a cabeça. “Acho melhor não. Não é uma boa ideia. Por causa das correntes de refluxo.”

“Eu era... da equipe de natação”, consegui dizer ao mesmo tempo em que uma onda nos levantava. Minha voz estava ficando rouca. “No Ensino Médio.” Tossi. “Exeter. Chegamos até... a fase nacional.”

Ele estava tão próximo que o braço roçou na parte superior da minha perna. “Eu vou nadar agora.” Respirou fundo algumas vezes. “Faça o que eu disser. Meu nome é Roy.”

“Meu nome é Ellen”, eu falei, ofegante.

“Ellen, ponha as mãos sobre meus ombros.”

Ele tinha ombros largos. O tipo de ombros que pareciam vir de trabalho, não de musculação. Ele franziu os olhos, me observando.

Não, não vou fazer isso, eu pensava, enquanto continuava a impe-  
lir as mãos dormentes através da água. Eu vou sozinha. Agora, sabendo  
que há alguém do meu lado, vou conseguir. “Obrigada”, eu disse, “mas  
eu vou dar conta se...”

“Ponha as mãos sobre os meus ombros”, ele falou, aumentando o  
tom da voz. Dessa vez, não era uma opção.

Coloquei as mãos sobre os ombros dele.

“Agora deite. Mantenha os braços retos. Estenda as pernas e fique  
assim. Eu nado.”

Eu conhecia a manobra, o reboque do nadador cansado, mas nunca  
fui o nadador cansado. Me inclinei para trás, o cabelo todo desgrenha-  
do. Senti um raio de sol morno no rosto. Estávamos acompanhando  
a oscilação das ondas, corpos boiando, flutuando por cima das cristas.

Roy se posicionou acima de mim, e eu enganchei as pernas ao re-  
dor dos seus quadris, como ele mandou. Ele começou a nadar de peito  
com a cabeça para fora da água, e nós flutuamos. Fui relaxando con-  
forme me deixava levar. Meu rosto estava junto ao seu peito. Fechei  
os olhos e senti sua musculatura sob a camisa, se contraindo a cada  
braçada. Suas pernas eram compridas e fortes, batendo como motores  
de popa entre minhas pernas. Sua pele cheirava a sal e alga do mar.

Eu ouvia cada braçada atravessando a água e sentia o calor do seu  
corpo. Abri os olhos e vi que estávamos nos deslocando paralelamente  
à costa. Percebi o que tinha acontecido. Eu tinha sido arrastada por  
uma corrente de refluxo e, em pânico, não me dei conta. E, por causa  
disso, desobedeci a regra fundamental das correntes contrárias — não  
tente nadar contra elas, nade paralelamente à costa até conseguir con-  
torná-las e depois nade de volta.

Logo mudamos de direção e tomamos o rumo da praia. Vislum-  
brei algumas pessoas de pé na costa. Estamos quase chegando, pensei,  
aliviada. Mal podia esperar para sentir o chão sob meus pés, saber que  
não estava mais à deriva na escuridão.

Quando a água ficou rasa o suficiente para Roy ficar em pé, ele me pegou e me segurou, me abraçando. Ele estava ofegante. De onde meu rosto se apoiou no seu peito, dava para dizer que ele media pelo menos um metro e noventa, uns bons vinte centímetros mais alto do que eu.

“Você consegue ficar em pé aqui”, ele disse, com o cabelo pingando gotas de água.

Me afastei devagar, segurando suas mãos quando ele ofereceu. Coloquei os pés no chão e fiquei de pé com água até a altura do peito. Pisar na areia, estar ancorada de novo em chão firme era como estar no céu. Atrás de mim, o oceano se revolia e mergulhava na escuridão, mas, apenas alguns passos à minha frente, a praia brilhava como uma nova promessa sob o sol do entardecer. Senti meus músculos relaxarem e, por um instante, não senti frio. Senti apenas a excitação de me conectar com o mundo ao redor. Ainda estou aqui, pensei. Estou salva. Estou viva.

Um sentimento vertiginoso foi crescendo dentro de mim, e comecei a rir. Largando as mãos de Roy, comecei a rodopiar, uma bailarina alucinada na água. Eu ria, e me virava, e agitava os braços, Roy me olhava com uma cara de espanto. Será que ele pensou que eu tinha perdido o juízo? Pouco me importava o que ele pensasse. Eu tinha voltado do vazio do mar aberto para o chão firme e não havia nada no mundo que me fizesse sentir tão bem como aquele momento único.

Me aproximei de Roy e olhei em seus olhos. Joguei os braços em volta do seu pescoço e dei um beijo nele. Um beijo por salvar minha vida, um beijo vindo de um lugar que eu nem sabia que existia. E ele me beijou de volta. Os lábios quentes tinham gosto de mar, os braços, fortes e firmes, me apertaram como se fôssemos nos afogar. Não queria nada mais do que me entregar a esse abraço. Logo percebi o que tinha feito e rapidamente me afastei.

“Me desculpe”, eu disse, ofegante, percebendo, de repente, que havia muita gente observando. “Eu tenho... Tenho que ir.” Me virei e fui dando passadas largas na água, o mais rápido possível, em direção à praia. Estava tremendo, roupas ensopadas, olhos ardendo do sal, e a vergonha que eu tinha sentido antes não era nada comparada com a daquele momento. Não sei o que deu em mim, o que se apossou de mim para beijá-lo.



“Ellen, espere um minuto”, Roy disse, me alcançando. Ele tentou pegar minha mão, mas me esquivei e continuei andando contra a água. Finja que nada aconteceu, pensei. Nunca aconteceu.

Dois homens de jeans vieram da praia correndo na nossa direção. Um deles estava com uma camiseta amarela. O outro usava um boné de baseball do Red Sox e um cinto de ferramentas, que balançavam para a frente e para trás conforme ele corria para dentro da água.

“Roy, você está bem? Ela está bem?” O homem de camiseta amarela perguntou, me ajudando a chegar na praia.

“Acho que ela está bem”, Roy respondeu, se arrastando para fora da água, com o jeans grudado nas pernas.

O homem de boné colocou o braço em volta de mim e me ajudou a chegar na areia. “Você está bem, senhorita?”

Tentei responder que sim com a cabeça, mas estava tremendo tanto que ela nem se mexeu. “Frio”, eu grunhi, com os dentes batendo.

Um homem corpulento de barba e careca veio na minha direção. Usava um cinto de ferramentas e carregava uma jaqueta de couro. Colocou a jaqueta sobre meus ombros e fechou o zíper. O forro era grosso e acolhedor, como um cobertor de flanela. Fiquei agradecida pelo calor.

O homem da camiseta amarela disse: “Quer que eu ligue para a emergência? Pedir que te levem para o hospital em Calvert? Não vai demorar para chegarem aqui”.

Não tinha ideia de onde ficava Calvert, mas a última coisa que eu queria era dar entrada em um hospital, onde iriam provavelmente querer chamar a minha mãe (nada bom) e Hayden (pior ainda).

“Por favor”, eu pedi, tremendo. “Eu só queria sair daqui.”

Roy se aproximou e ficou ao meu lado. “Vou levar você para casa.”

Ai, não, eu pensei, sentindo o rosto ruborizar de vergonha. Outra pessoa precisa me levar. Não posso ir com ele. Olhei para os outros dois homens, mas nenhum deles abriu a boca.

“Vamos”, Roy disse, pegando no meu ombro.

Rapidamente, comecei a andar pela areia. Ele me alcançou e mostrou o caminho em silêncio. Fomos até a extremidade da praia, onde estava o píer e uma casa em construção. Três homens estavam no

telhado colocando telhas. Segui Roy até o estacionamento de chão de terra em frente a casa, e ele abriu a porta de uma picape Ford azul.

“Desculpe a bagunça”, ele disse, retirando do banco dianteiro uma caixa de ferramentas, uma fita métrica, um nível de pedreiro e alguns lápis. “Ferramentas de carpinteiro.” A água que escorria da minha roupa quando eu sentei formou uma poça no tapete de borracha no piso. Olhei para os meus pés, cobertos por uma camada fina de areia.

“Não sei o que aconteceu lá”, eu sussurrei baixinho. “Estava em pé no píer e de repente...” Tremi e levantei a gola da jaqueta para cima do pescoço.

Roy virou a chave e o motor tossiu, cuspiu e depois pegou. “Você não é daqui da região, é?”, ele perguntou. Os mostradores no painel acenderam, e o rádio brilhou com uma luz quente, amarela.

Abanei a cabeça e murmurei: “Não”.

“As correntes de refluxo são bem perigosas por aqui”, disse Roy. “E aquele píer não está em boas condições. Sorte que eu vi você.”

Fechei os olhos para afastar a lembrança da corrente e do píer, mas mais ainda para afastar a lembrança do beijo. Uma imagem de Hayden passou pela minha mente — o sorriso quente, o cacho de cabelo loiro sempre caindo sobre a testa, a piscadinha que ele dá quando gosta de alguma coisa, seus olhos castanho-claros, confiantes... Nunca poderia contar a ele o que tinha acontecido.

“Sim, sorte”, eu respondi.

Roy olhou para mim, e percebi que ele tinha algumas rugas na testa. As sobrancelhas eram escuras, mas com alguns fios grisalhos.

“Obrigada”, eu agradei. “Por me salvar.”

Ele deu uma olhada pela janela de trás e deu marcha à ré.

“De nada.” Engatou a primeira e andou até o fim do terreno, junto da estrada. Esperamos enquanto alguns carros passavam. Ele tamborilou os dedos no volante.

“Você foi incrível. Onde aprendeu a nadar assim?”, eu perguntei, depois de um silêncio incômodo.

Roy ergueu as sobrancelhas. “É um superrelógio, vindo de alguém que nadou em... como é mesmo o nome? O campeonato nacional?”

Sabia que ele estava me provocando, mas havia um esboço de sorriso no seu rosto.

“Ah... sim, bem, faz tempo”, eu disse, observando as gotículas de água caírem do cabelo dele na camisa.

O cabelo era grosso, escuro e ondulado, com umas mechas grisalhas que só faziam melhorar a aparência geral. Era impossível não ficar curiosa para saber como ele ficaria em um terno.

“Então... você foi salva-vidas?”, eu perguntei.

Ele entrou na estrada. “Não.”

“Então você aprendeu em...”

“Por aí”, ele disse, encolhendo os ombros e se inclinando para ligar o aquecedor. “Onde você está hospedada?”

*Por aí?* Fiquei imaginando como alguém aprende a nadar daquele jeito *por aí*. Coloquei as mãos na frente da saída de ar do aquecedor. Se tivesse sido treinado, ele poderia ter sido um atleta olímpico.

“Então, você está hospedada onde?”, ele perguntou.

“Estou no Victory Inn”, respondi, observando uma cicatriz pequena na lateral do nariz, abaixo do olho esquerdo.

“Sei. A pousada da Paula. E você está na cidade por... quanto tempo?”

“Não muito. Não muito mesmo.”

“Então é melhor alguém dar uma olhada nesse corte.”

“Que corte?” Abaixei o visor, mas não tinha espelho.

Ele apontou para o meu rosto. “Seu queixo.”

Passei a mão no queixo. Meu dedo ficou cheio de sangue.

Roy parou e acionou o pisca-alerta. “Deve precisar de um ponto ou dois. Conheço um médico em North Haddam e posso levar você...”

Senti uma onda de calor me invadindo o rosto e sabia que as bochechas deviam estar vermelhas. “Não, não”, eu disse. “Não é preciso, de verdade.” A ideia de ele me levar a outra cidade para ver um médico era... perturbadora, de alguma maneira. Eu não ia fazer aquilo.

“Não é nenhum problema.” Ele sorriu, e vi que tinha covinhas. “Estudei com o cara e tenho certeza de que ele...”

“Olha”, eu disse, com as mãos levantadas, o rosto corado. “Eu agradeço muito a ajuda, mas talvez seja melhor eu ir embora agora e voltar andando. Não é longe e eu já tomei demais do seu tempo.”

As linhas da testa dele pareciam mais fundas. “Você não vai andando a lugar nenhum”, ele falou, enquanto esperava um carro passar. “Não quero parecer insistente”, continuou. “Apenas acho que você deveria ver esse corte.”

Ele passou os dedos na lateral do meu rosto, inclinando meu queixo para ver melhor o corte, e eu senti um tremor me atravessar.

“Está tudo bem”, eu disse, me apurando. “Eu devo... humm... ir embora amanhã”, gaguejei, “e... humm... vou consultar meu médico em Manhattan quando voltar.”

Roy sacudiu os ombros de novo. “Você é quem sabe.” Ele deu meia-volta e se dirigiu para o Victory Inn.

Olhei pela janela, me perguntando se devia mencionar o beijo, pedir desculpas. Afinal de contas, não queria que ele pensasse que... eu não queria que ele pensasse nada.

“Sinto muito pelo que aconteceu”, eu disse.

Ele me olhou, surpreso. “Você não tem nada que se desculpar. As correntes de refluxo são perigosas. É muito fácil se meter em encrenca...”

“Não, não estava me referindo à corrente”, eu expliquei enquanto ele parava ao lado da pousada. “Estava me referindo ao...” Não consegui falar.

Ele colocou a marcha no ponto morto, para estacionar, se recostou no assento e passou as mãos na direção. “Não se preocupe”, ele disse, encolhendo os ombros. “Foi apenas um beijo.”

Se era para me fazer sentir melhor, não funcionou. Fiquei ofendida por ele não ter ficado nem um pouco abalado com o beijo.

“Sabe”, falei sem pensar, “as pessoas no Maine deveriam manter os atracadouros em melhores condições.” Dava para sentir farpas na minha voz, mas não consegui parar. “Eu podia ter me machucado seriamente na queda.”

Roy olhou para mim, espantado. Por fim, ele disse: “Fico feliz que você não tenha se machucado — uma nadadora tão talentosa. E fico feliz de ter estado lá para salvar você”. Ele abaixou a viseira do boné; o sol do cair da tarde coloria o banco dianteiro do carro com um reflexo dourado.

Achei que ele devia estar me gozando de novo, mas notei que a sua expressão estava séria.

“Naturalmente”, ele disse, agora sorrindo, “uma coisa que as pessoas do Maine sabem fazer é ler. Se *you* tivesse lido a placa...”

O que ele estava dizendo? Que as pessoas no Maine sabiam ler? Que placa?

“Claro que eu sei ler”, eu disse, percebendo que me colocava ainda mais na defensiva naquele instante, incapaz de controlar o tom estridente na voz. “Cursei quatro anos de Ensino Superior e depois mais três de especialização na Faculdade de Direito. Li muito.”

“Faculdade de Direito”, Roy fez um gesto lento com a cabeça, como se acabasse de entender uma coisa.

“Sim, Faculdade de Direito”, confirmei, observando a lateral do seu rosto. Estava com a barba por fazer, o que eu poderia achar atraente em outra circunstância, no meu tempo de solteira. Mas, agora, ele estava me dando nos nervos.

Ele se virou para mim de novo. “Então você é uma advogada.”

“Sim”, afirmei.

“Em que área de direito você... atua?”

“Trabalho com direito imobiliário.”

“Ahn.” Ele coçou o queixo. “Então você entende bastante de invasão de propriedade?”

Claro que eu sabia *alguma coisa* sobre invasão de propriedade, mas não tinha participado de muitos casos nessa área.

“Sim”, eu respondi, me sentando um pouco mais ereta. “Sei tudo sobre invasão de propriedade. Na empresa, eu sou a especialista na legislação sobre invasão de propriedade. Lido com todos os casos de invasão de propriedade.”

Um Toyota parou na transversal e Roy fez sinal para o motorista continuar. “Uma *especialista* em invasão de propriedade”, ele disse, levantando as sobrancelhas. “Precisa de uma especialização para trabalhar nessa área?”

Uma especialização? Que pergunta idiota. “Não, claro que não precisa...” Eu interrompi a fala porque o brilho no seu olho denunciava que dessa vez ele estava definitivamente me provocando.

“O.k.”, ele disse. “Com todo esse background, toda essa leitura e sendo uma expert em invasão de propriedade, por que você não leu a placa de ENTRADA PROIBIDA no cais? Ou se leu, por que entrou do mesmo jeito?”

De que placa de ENTRADA PROIBIDA ele estava falando e por que estava me fazendo um interrogatório? Senti um fio de água escorrendo pelas costas e me lembrei vagamente de ter visto uma placa na praia, perto do píer. Será que dizia ENTRADA PROIBIDA? Estava escrito mesmo? Não, não é possível, eu pensei. Caso contrário, eu estaria em apuros. Ele teria todo o direito de pensar que eu era uma completa imbecil.

“Não vi nenhum aviso de ENTRADA PROIBIDA”, eu falei. “Não havia nenhum aviso. Eu teria percebido.”

Roy retirou uma alga da perna do jeans e jogou pela janela. “Pode ser que você não tenha visto”, ele disse, “mas havia um aviso lá, sim. Há uma casa nova sendo construída. Na verdade, eu estou trabalhando nela. E o cais e a casa estão na mesma propriedade. O aviso foi colocado para ninguém entrar no imóvel.” Ele olhou de soslaio para mim. “Sobretudo no cais.”

Olhei de novo para os meus pés cheios de areia e a poça d’água em volta e tentei encaixar as peças. Procurei visualizar de novo o píer e a praia. Sim, conseguia ver a placa. Branca com letras pretas. O que dizia? Ai, caramba, acho que estava escrito ENTRADA PROIBIDA. Comecei a sentir enjoo. Não tinha prestado a mínima atenção. Como pude passar reto pelo aviso e entrar no píer? Fiquei mortificada. Como nadadora, não devia ter me deixado ser pega por uma corrente contrária e, como advogada, não devia ter invadido uma propriedade. Desafivelei o cinto de segurança com um estalo. Não iria contar para ele. Nunca iria admitir o que havia feito.

“Sabe o quê?”, eu disse, consciente de que minha voz estava hesitante e nessa altura tinha pulado uma oitava acima. “Você precisa falar para o proprietário manter o imóvel em melhores condições.” Senti um nó na garganta ao pensar no píer se afundando. “Foi muita sorte eu não ter me machucado.” Fiz uma pausa. “Ou morrido.” Apontei o dedo para Roy. “Alguém poderia ser processado por causa daquele píer. Precisa ser demolido.”

Pronto, agora dei o troco, eu pensei, justo quando um bocado de areia se desprende do meu cabelo e se estatelou no meu colo.

A expressão de Roy permaneceu inalterada, mas de novo algo nos olhos dele e no canto da boca me dizia que ele estava achando tudo muito engraçado. Recolhi a areia do meu short e atirei no chão.

Ele olhou para o chão e depois para mim. “O cais vai ser demolido. É por isso que tem um portão.”

“Mas o portão não está *trancado*”, eu disse, o queixo começando a arder por causa do corte.

“Deveria estar.”

“Mas não estava. Caso contrário, como eu teria entrado?”

Parecia que ele ia dizer algo, mas eu interrompi. “E tem mais uma coisa. Talvez você deva falar para o proprietário colocar o aviso ENTRADA PROIBIDA no píer e não no meio da areia.” Belo argumento, eu pensei. Precisam colocar onde realmente faz sentido.

Ele se virou para mim e dessa vez não havia erro. Ele estava rindo — um sorriso de esguelha que me fez sentir como o rato na armadilha do gato. “Ahn”, ele falou, “então você viu a placa, *sim*.”

Ai, meu Deus. Me deixei capturar na minha própria armadilha. O cara era desagradável, detestável, insuportável. Senti uma ardência nos olhos e percebi que estava prestes a chorar. Não ia deixar que ele visse. Abri a porta do carro e pulei para fora, deixando o assento escorrendo água.

“Obrigada pela carona”, eu disse, tentando parecer forte para não chorar. Bati a porta do carro e me dirigi para o caminho da entrada. Então ouvi o Roy me chamar.

“Ellen. Ei, Ellen.” Ele estava debruçado para fora da janela do passageiro. O tom da voz era sério e o olhar, circunspecto. Não havia traço daquele brilho que vi quando estava me provocando. Está bem, pensei. Deixe ele falar o que quiser. Comecei a andar em direção ao carro.

“Talvez você esteja interessada”, ele disse. “Está tendo uma liquidação na Loja de Acessórios Náuticos Bennett.” Agora o sorriso apareceu e vi os olhos se acenderem. “Os coletes salva-vidas estão com 30% de desconto.”